

# CRIANÇAS BRASILEIRAS E PERUANAS APÓS O RETORNO AO SEU PAÍS DE ORIGEM

*Ana Sueyoshi<sup>1</sup>*

*Kyoko Yanagida Nakagawa<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este é um estudo comparado de duas pesquisas ocorridas independentemente, no Brasil e em Peru, no mesmo período, entre 2008 e 2009, com as crianças retornadas do Japão para os seus respectivos países de origem. A partir dos dados obtidos com entrevistas, inventários e testes, obteve-se um perfil dessas crianças cujas semelhanças e diferenças são discutidas.

**Palavras-chave:** dekassegui; retorno; inserção escolar e social.

**Abstract:** This is a comparative study of two independent researches, in Brazil and Peru, made at the same period, between 2008 and 2009, with children who returned to their homeland from Japan. Using interviews, inventories and tests, it was possible to get the profile of these children that will be discussed about their similarities and differences.

**Keywords:** dekassegui,<sup>3</sup> return migration; scholar and social insertion.

## Introdução

Mais de 20 anos se passaram após o início da migração de nikkeis sul-americanos para o Japão. No decorrer desses anos, pudemos observar diversas mudanças nesse quadro migratório. Por exemplo, no início do movimento, a

- 
1. Pesquisa efetuada e publicado em formato de guia pelo departamento de Convivência Multicultural de Província de Aichi, intitulado: 「外国人青少年の夢エスコート事業」 (Projeto de Acompanhamento de Sonhos dos Jovens e Adolescentes Estrangeiros), 2011.
  2. Segundo a pesquisa realizada no Brasil na ocasião das comemorações dos 80 anos de imigração japonesa ao Brasil (1988) sobre a população nikkei existe uma concentração de 72% de nikkeis no Estado de São Paulo e no caso de Peru, na pesquisa realizada e, 1989 com os nikkeis de todo o país, o distrito de Lima, envolvendo áreas ao redor, somavam mais de 80% da população nikkei do país.
  3. No auge da proliferação de escolas brasileiras, havia mais de 100 escolas em todo o território japonês, incluindo as pré-escolas e creches. (NAKAGAWA, 2010).

maioria era composta de homens e mulheres que migravam sozinhos, mas com o passar do tempo, muitas pessoas começaram a levar as suas respectivas famílias, aumentando assim, o número de crianças estrangeiras vivendo no Japão. Devido a diversos fatores, foi-se estendendo o tempo de estada no Japão provocando um aumento no número de famílias que decidiram residir permanentemente no Japão. Essas mudanças fizeram surgir outros novos problemas e desafios dentro desse movimento. Devido às dificuldades de adaptação ao sistema educacional japonês, existem famílias que optaram por mandarem apenas os filhos de volta à terra natal, enquanto eles permaneciam no Japão trabalhando; especialmente após a crise econômica mundial de 2008, muitas famílias se viram obrigados a voltar para os seus países de origem e esse número é bastante significativo especialmente com relação a brasileiros. Segundo os dados do controle de imigração japonesa, do final de 2009, observou-se uma tendência na redução do número de estrangeiros e no caso de brasileiros, essa tendência é mais acentuada. Apesar disso, quando se fala em número de estrangeiros, os brasileiros continuam ocupando o seu terceiro lugar após chineses e coreanos, bem como os peruanos que permanecem ocupando o seu quinto lugar, depois dos filipinos, na comunidade estrangeira no Japão.

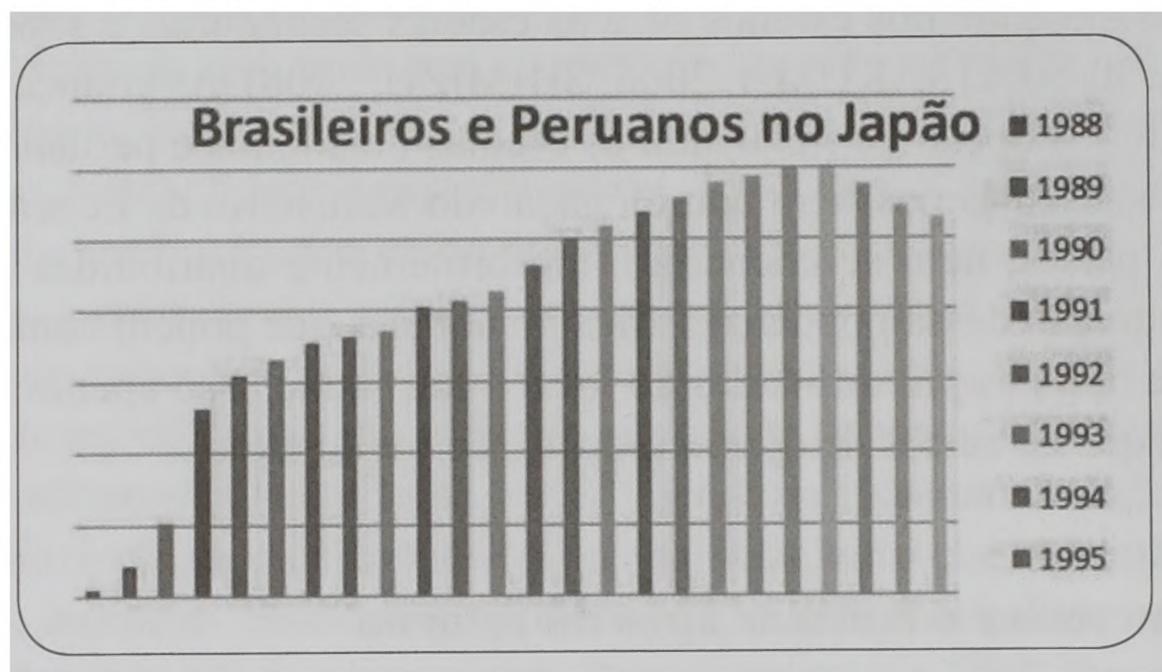
O presente artigo tem como objetivo analisar a situação educacional e familiar das crianças brasileiras e peruanas que retornaram aos seus países de nacionalidade, a partir de uma análise comparativa dos problemas que elas enfrentam após o retorno. A pesquisa com as crianças brasileiras e peruanas, ambas baseadas em questionários, testes e entrevistas, foram realizadas nos seus respectivos países: no Estado de São Paulo e em Lima, sendo ambos locais de concentração de nikkeis retornados.

## **1. Contextualização**

O fenômeno migratório tem suas origens no movimento de envio e recepção, no caso o envio de trabalhadores pelos países da América Latina e a recepção dessa mão-de-obra pelo Japão. Esse movimento, conhecido como movimento *dekassegui*, surge como consequência das mudanças estruturais na sociedade japonesa tais como o processo de envelhecimento de sua população, além da baixa taxa de natalidade, assim como a economia de bolha, a demanda de mão-de-obra e a mudança na Lei da Imigração em 1990, acrescido a problemas econômicos enfrentados pelos países Latino-americanos. Durante esses 20 anos, ambos os efeitos vem operando continuamente até a crise econômica internacional, pois a partir daí, muitos brasileiros e peruanos se empreenderam no retorno para as suas respectivas pátrias. De acordo com as estatísticas do Controle de Imigração japonesa, desde o final da década de 80 o número de residentes sul-americanos vinha num crescendo, porém, o quadro se reverte e a partir de 2009 observa-se

uma diminuição dessa população (Figura 1). Apesar disso, ainda residem no Japão mais de 210 mil brasileiros e 52 mil peruanos<sup>4</sup>.

**FIGURA 1: Brasileiros e peruanos no Japão**



Se acompanharmos a migração nikkei latino-americana desde o seu início, observamos diversas mudanças. Desde a segunda metade da década de 90, se produz a reunificação familiar através da qual, cônjuges e filhos viajaram para o Japão para reunir-se com aquele membro (na maioria pais) que lá residia e trabalhava, aumentando assim o número de crianças estrangeiras vivendo no Japão. Muitos lares foram constituídos no Japão, resultando em um número considerável de nascimentos de estrangeiros naquele país. Segundo dados de uma pesquisa de Aichi, de 2011, 48% das crianças que frequentam escolas ginásiais (*chûgaku*) no Japão, já são nascidas no Japão<sup>5</sup>.

Apesar de muitas delas terem nascido no Japão, essas crianças latino-americanas enfrentam diversos problemas quando ingressam no sistema educacional japonês, especialmente no que refere à capacidade no idioma japonês. Se comparadas a crianças japonesas, as habilidades linguísticas são visivelmente inferiores, o que acarreta obstáculos para a aprendizagem e adaptação. Choque cultural, ruptura familiar, problemas de discriminação e exclusão, entre outros, afligem as famílias de migrantes.

4. No início de 2009, o Ministério da Saúde, Trabalho e Bem Estar Social (*Kôsei Rôdoshô*) japonês passou a disponibilizar o "Auxílio Retorno" (*kikoku shien*) em que o chefe de família receberia 300 mil ienes e todos os demais membros da família 200 mil ienes. Das 21.675 pessoas que solicitaram esse auxílio, 92,5% eram brasileiros e apenas 4,2% peruanos. As demais nacionalidades: 3,3%. Esse auxílio foi suspenso em março de 2010.

5. Pesquisa efetuada e publicado em formato de guia pelo departamento de Convivência Multicultural de Província de Aichi, intitulado: 「外国人青少年の夢エスコート事業」 (Projeto de Acompanhamento de Sonhos dos Jovens e Adolescentes Estrangeiros), 2011.

No que diz respeito a questões educacionais pensando-se em certos parâmetros como a taxa de matrícula e taxa de continuidade para os cursos médios e superiores, observa-se que as porcentagens são bastante inferiores aos de alunos japoneses e além da taxa de evasão alta. Estima-se que a parcela de latino-americanos que dão continuidade nos estudos para as escolas secundárias e superiores, gire em torno de 30-50% (SAKUMA, 2006; SHIMIZU, 2008). As crianças brasileiras e peruanas têm a opção de frequentar as escolas brasileiras e peruanas no Japão. Nem todas as escolas possuem homologação do Ministério da Educação de seus respectivos países, nem se encontram uniformemente distribuídas nas cidades com concentração dessa população. Mesmo aquelas que podem contar com uma escola deste tipo nas proximidades do local onde reside, isso apenas não garante o acesso, já que os custos de dessas escolas são muito altos.

## **2. Vida escolar e familiar após do retorno**

Na segunda metade da década de 90, o número de famílias sul-americanas que levaram seus filhos para o Japão ou tiveram seus filhos nascidos no Japão aumentou consideravelmente. Outros tentaram retornar em algum momento, embora tempos depois, tenham rumado novamente para o Japão. A razão do dito retorno devia-se aos planos originais de migração temporária, deparar com problemas de saúde de algum membro da família, não conseguir se adaptar tanto ao país receptor quanto ao sistema educacional, no caso das crianças. Assim, observa-se a existência de crianças que tem sido criados em ambos os países, adaptando-se ou não e que pelos movimentos de idas e vindas dos pais que, na esperança de maximizar os benefícios financeiros da família, realizam esses movimentos transnacionais, se veem envolvidos passivamente. De qualquer forma, as crianças que regressaram para o Brasil ou ao Peru enfrentam um novo conjunto de problemas. O presente artigo, baseado nos estudos independentes realizados no Brasil e em Peru, tem como objetivo analisar num enfoque comparativo o ambiente educacional e familiar das crianças brasileiras e peruanas depois de ter vivido no Japão e retornado aos seus países de nacionalidade.

Como foi mencionado anteriormente, essa análise é fundamentada nos estudos realizados entre os anos 2008 e 2009 nas cidades de alta concentração de população nikkei sul-americana no Estado de São Paulo, Brasil e no distrito de Lima, Peru<sup>6</sup>.

---

6. Segundo a pesquisa realizada no Brasil na ocasião das comemorações dos 80 anos de imigração japonesa ao Brasil (1988) sobre a população nikkei existe uma concentração de 72% de nikkeis no Estado de São Paulo e no caso de Peru, na pesquisa realizada e, 1989 com os nikkeis de todo o país, o distrito de Lima, envolvendo áreas ao redor, somavam mais de 80% da população nikkei do país.

## 2.1 A pesquisa no Brasil

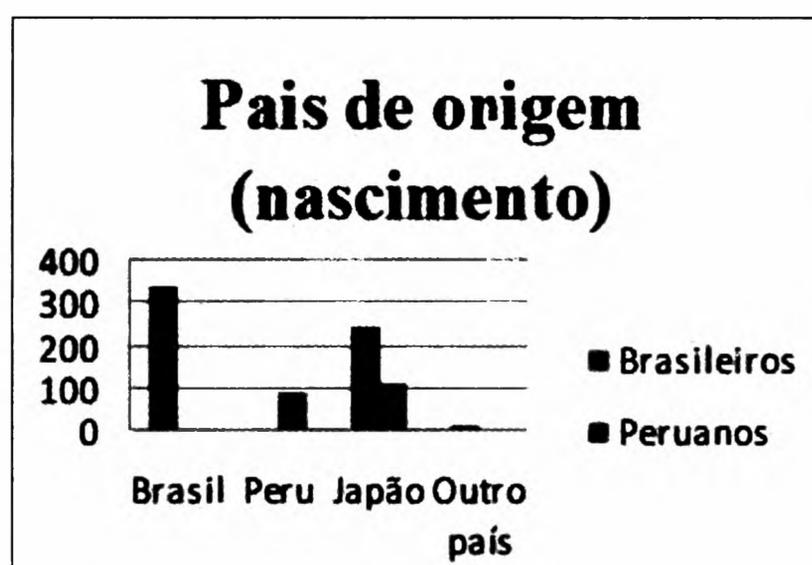
A maioria dos alunos brasileiros que, depois de ter vivido certo tempo no Japão, regressa para o Estado de São Paulo, se encontra dispersa e estuda em escolas públicas, estaduais e municipais. Por essa razão, o número de crianças com essas características que pode ser encontrado na mesma escola não ultrapassa de 4 ou 5 alunos. Essa pesquisa, realizada juntamente com a Secretaria Estadual de Educação, cobriu 80 diretorias de ensino, 131 cidades, 361 escolas de ensino fundamental e médio. Com o envio dos questionários, obteve-se 957 formulários preenchidos, a respeito dos alunos com menos de 19 anos. Dessas, 743 (78%) eram filhos de *dekassegui* e 606 (63%) estudaram no Japão. A equipe do Projeto Kaeru teve como objetivo a execução de um estudo de mapeamento da existência de crianças retornadas juntamente com a Secretaria Estadual de Educação, para oferecer apoio às crianças, filhos de *dekassegui* brasileiros que regressam do Japão e enfrentam inúmeras dificuldades, de forma que seus direitos de acesso a uma educação adequada sejam assegurados. Posteriormente, a SME fornece um dado de que 263 crianças matriculadas na rede municipal de ensino (ensino fundamental) declararam ter nascido no Japão, várias delas sendo atendidas atualmente. O projeto Kaeru, patrocinado pela Fundação Mitsui Bussan do Brasil, se encontra em plena atividade, desde então, atendendo as crianças, prioritariamente do ensino fundamental, em cooperação com a SMESP. Esse projeto é desenvolvido dentro das escolas, com uso de técnicas psicopedagógicas e lúdicas, oferecendo também, apoio aos responsáveis e direção, para juntos, oferecer oportunidades melhores de inserção educacional e social. As crianças passam por uma avaliação psicológica prévia para receber um apoio adequado. Classes de alfabetização e reforço na língua portuguesa são oferecidas por professores voluntários, na sede. Devido à falta de capacidade na língua portuguesa, muitas crianças não conseguem ter um bom aproveitamento inclusive nas outras disciplinas, nem desenvolver-se e comunicar-se adequadamente para a promoção de sua inserção, acarretando numa série de problemas relativos ao seu crescimento pessoal pleno e suas relações com o meio familiar e educacional.

## 2.2 A pesquisa em Peru

Como foi mencionado anteriormente, o estudo em Peru também foi realizado no período de 2008 e 2009. Como na pesquisa brasileira, esse estudo também teve como sujeitos de análise as crianças peruanas que regressam do Japão para o Peru, bem como o objetivo de analisar os processos de aprendizagem delas, sua vida familiar, sua capacidade linguística do espanhol e perspectivas de futuro depois de terminar o ensino básico. Essa pesquisa foi financiada e é parte de um

projeto maior da Universidade de Utsunomiya, destinado a conhecer o ambiente educacional e familiar das crianças estrangeiras na província de Tochigi, a partir de um enfoque teórico e prático. No caso do estudo brasileiro, a amostra vem de quase em sua totalidade das diretorias do Estado de São Paulo, mas no caso de Lima, estes dados foram colhidos apenas naquelas escolas com alta concentração de crianças nikkeis, entre as quais se encontram muitas crianças que estudaram no Japão e regressaram a Peru. As mais representativas escolas da comunidade nikkei de Lima são: Colegio La Victoria, CEGECOOP La Unión, Colégio Hideyo Noguchi, Colégio José Gálvez e Colégio Inka Gakuen. Este estudo analisou a situação das crianças da faixa etária de 8 a 18 anos, num total de 171 crianças.

**FIGURA 2: País de nascimento**



### 3. Resultados da análise qualitativa

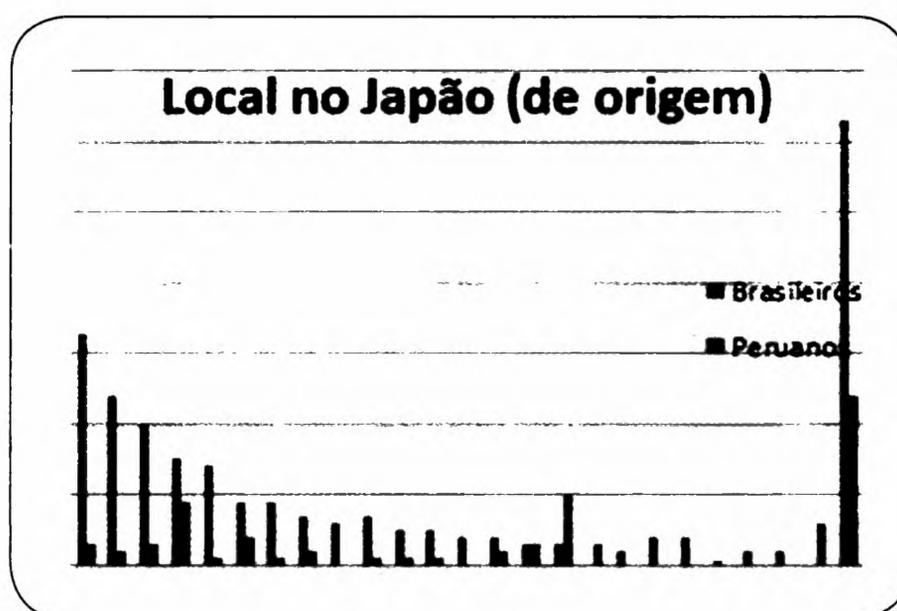
Apesar de ambas as pesquisas, a brasileira e a peruana, diferirem em suas metodologias, os sujeitos de estudo exibem similaridades que torna possível uma análise comparativa. Os estudos têm sua população alvo dividida quase simetricamente entre meninos e meninas. Se compararmos a proporção de crianças brasileiras nascidas no país de origem de seus pais e no Japão com a mesma proporção peruana, observamos que existem mais crianças peruanas (13% a mais) que nasceram no Japão, além disso, devido a casamentos internacionais, também houve casos de crianças nascidas em um terceiro país (vide figura 2).

No que se refere ao local de onde viviam no Japão, a nível de província, muitas crianças brasileiras viviam na região central do Japão, particularmente na área que faz face ao Oceano Pacífico denominada de Região Tokai (Províncias de Aichi, Shizuoka e Mie), e representa um terço de todas as crianças retornadas do Japão. Na região adjacente central alta (províncias de Yamanashi e Nagano) são locais onde viviam 5% das crianças, do total. Na área de Kanto, isto é, nas províncias de Gunma, Kanagawa e Saitama, constitui-se como um lugar de nascimento de 15% delas. Por outro lado, a maioria das crianças peruanas nasceram e viveram

principalmente na zona de Kanto (províncias de Kanagawa, Tokyo, Saitama e Tochigi) e algumas até na província de Okinawa (vide figura 3). Essas províncias apontadas como locais de nascimento e de vivência das crianças brasileiras e peruanas são as próprias províncias japonesas onde são observadas concentração de populações brasileiras e peruanas.

Outro resultado interessante destas pesquisas é que entre essas crianças estudadas há os que não vivem com seus pais, nem com um deles; um quinto das crianças brasileiras vive com seus parentes e no caso das peruanas essa taxa é ligeiramente maior. Os parentes constituem-se de avós, tios e irmãos, sendo os primeiros em maior número.

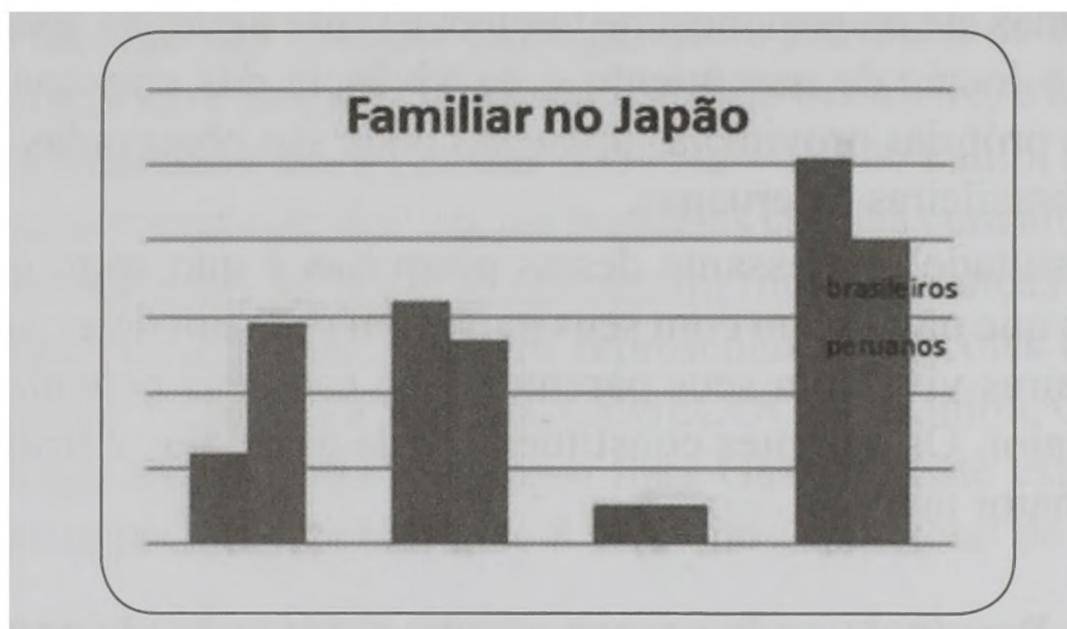
**FIGURA 3: Província onde nasceu ou viveu antes de vir para o Brasil**



Ao que se refere à pergunta: “Com quem vive agora?” pouco mais de 40% vive com ambos os pais e a porcentagem de crianças que vivem só com a mãe é similar à anterior (ver figura 4). A ruptura familiar é uma característica destas famílias migrantes tanto brasileiras como peruanas.

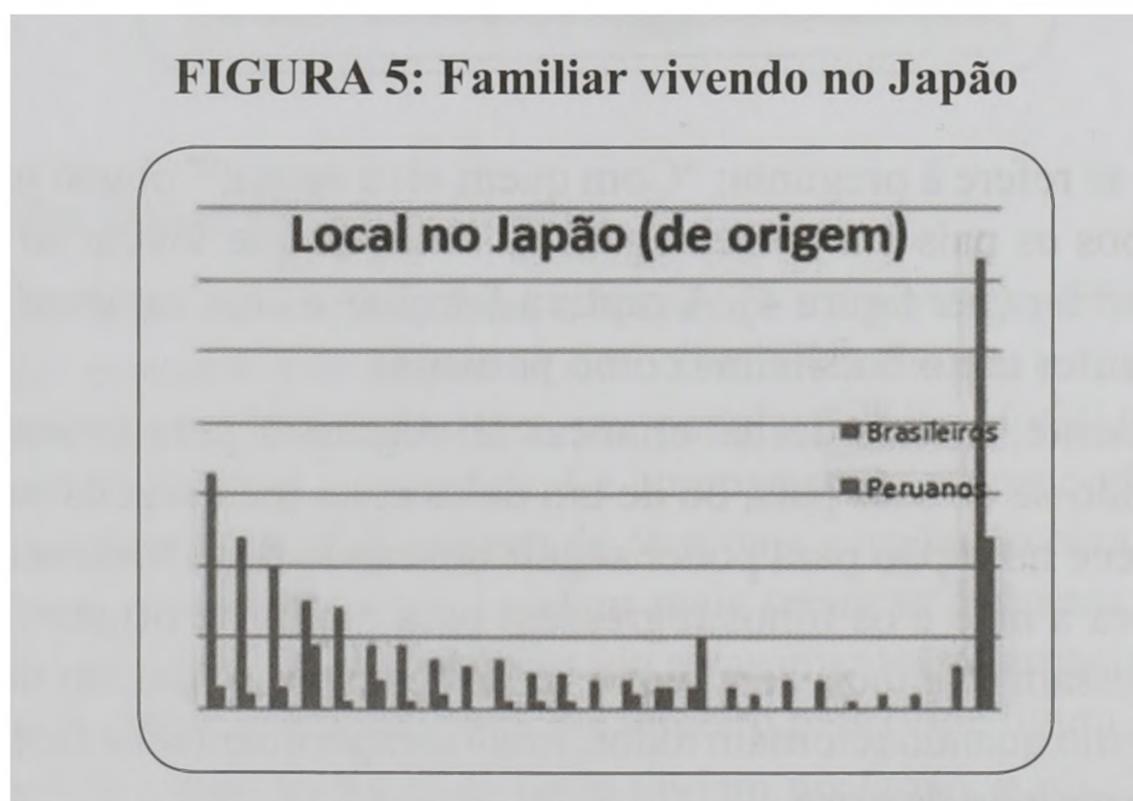
Infelizmente, muitos destas crianças ao regressar para os seus países, o fazem separando-se de seus pais, ou de um deles e, na maioria dos casos, é o pai quem permanece no Japão para poder seguir buscando o sustento econômico da família, embora a mãe e os filhos regressem para o país de origem. Em muitos casos, só regressam os filhos, sendo que ambos os pais continuam no Japão trabalhando. Mesmo quando retornam todos, muitos experimentam a ruptura familiar após um certo período de crise.

**FIGURA 4: com quem vive atualmente (responsável)**



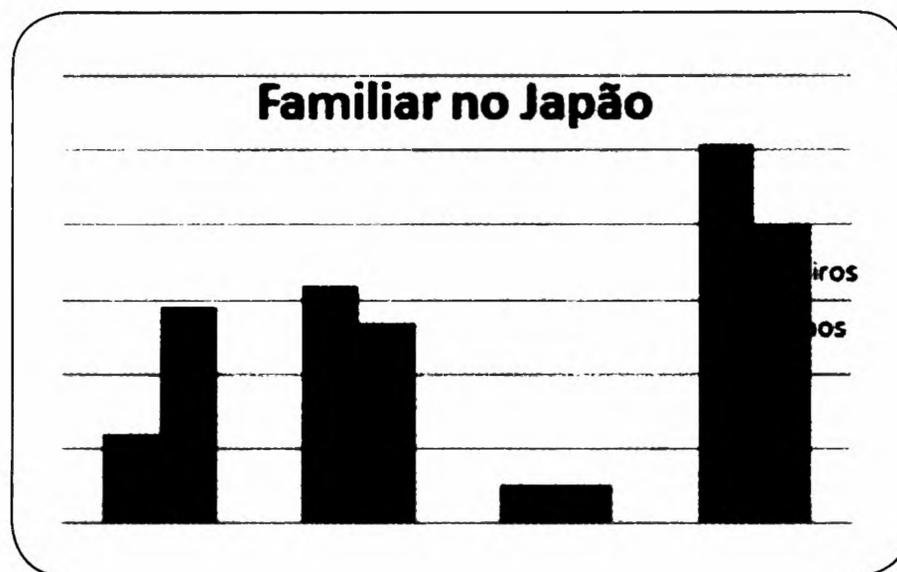
A porcentagem de crianças brasileiras cujos pais, pai e mãe, se encontram ainda no Japão, fica na faixa de 10%, enquanto que em crianças peruanas essa taxa fica acima de 30%. Com respeito à porcentagem de crianças com um progenitor no Japão é similar (um terço) para ambas as nacionalidades. De acordo com a pesquisa realizada no Brasil, mais da metade das crianças afirmou não ter mais nenhum membro da família nuclear no Japão. Para as crianças peruanas esta mesma taxa é menor em 10 pontos percentuais (Ver Figura 5). Após o retorno ao país de seus pais, tanto as crianças brasileiras quanto as peruanas em 20~25% empregam indistintamente o idioma materno ou o japonês.

**FIGURA 5: Familiar vivendo no Japão**



Em relação ao uso de uma só língua, observa-se uma diferença entre os brasileiros e peruanos. No caso brasileiro, 75% só falam a sua língua materna e apenas 2% falavam apenas o japonês; no entanto, mais da metade das crianças peruanas usam apenas a língua materna e mais de 20% faz uso do idioma japonês (Ver Figura 6).

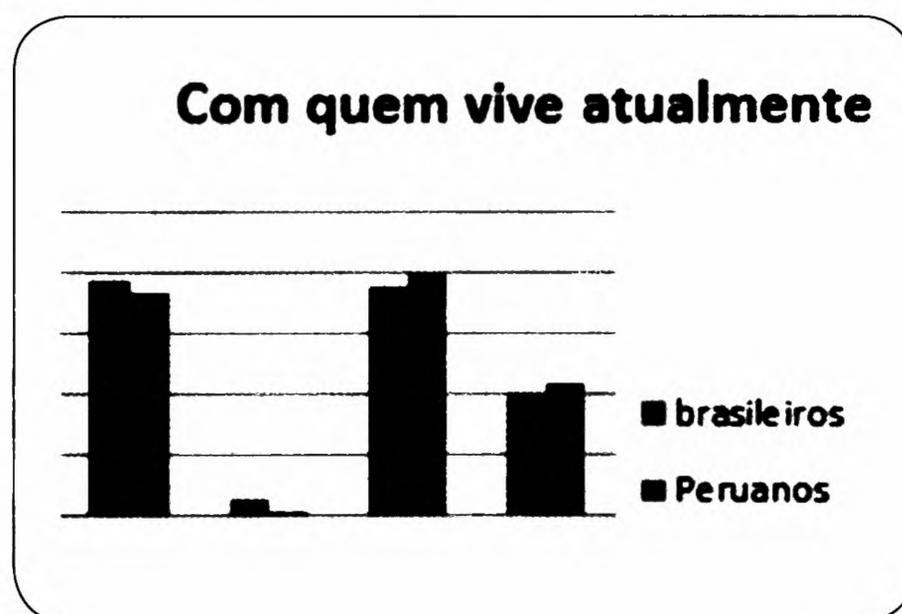
**FIGURA 6: idioma utilizado**



Com respeito à pergunta sobre a educação recebida no Japão, 85% das crianças peruanas e aproximadamente metade das brasileiras estudaram em escolas públicas japonesas e mais de 30% em escolas brasileiras no Japão (ver figura 7).

Lamentavelmente, quase não existem escolas peruanas no Japão de forma que as crianças peruanas não podem receber educação sob o currículo estabelecido pelo governo peruano. Não é que não exista escola peruana, mas sim que não são numerosas como as brasileiras, nem se encontram localizadas nos locais de concentração da população peruana<sup>7</sup>, e as que existem não contam com a certificação do governo peruano.

**FIGURA 7: Educação recebida no Japão**



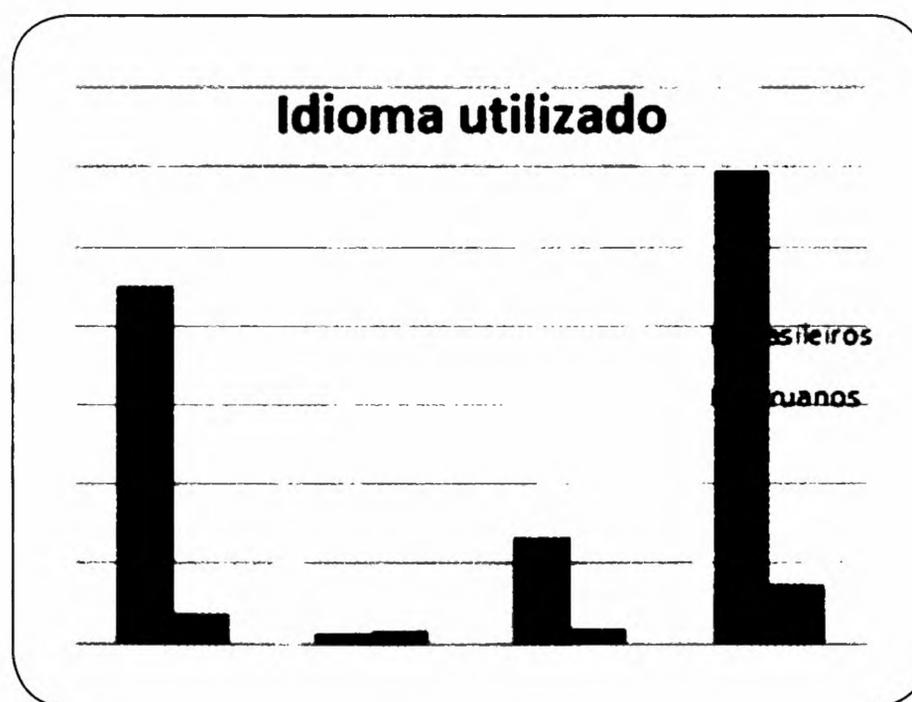
Aquelas crianças peruanas que frequentam as escolas peruanas no Japão que não contam com a aprovação do Ministério da Educação do governo peruano

7. No auge da proliferação de escolas brasileiras, havia mais de 100 escolas em todo o território japonês, incluindo as pré-escolas e creches. (NAKAGAWA, 2010).

mesmo que se graduem satisfatoriamente, não podem obter um certificado oficial do governo peruano validando a certificação. Por esse fato, cursam paralelamente os estudos por correspondência<sup>8</sup> e desta maneira, recebem o certificado oficial no término de seus estudos. Mesmo assim, sendo que os estudos primários e secundários no Peru têm a duração de apenas 11 anos em comparação com Japão (12 anos), os estudantes peruanos que se graduam nas escolas peruanas no Japão não podem prestar exames de admissão no nível superior no Japão. Por estas e outras razões econômicas e logísticas, observa-se a escassez de escolas peruanas e o número reduzido de alunos que as frequentam, em comparação às escolas brasileiras.

Na Figura 8 pode-se observar as províncias de onde as crianças entrevistadas cursaram os seus estudos. Se a compararmos com a figura 3, as províncias de Aichi e Shizuoka ocupam os primeiros lugares tanto como lugares de nascimento como dos estudos, o que demonstra que a concentração de populações sul-americanas nessa região tem prevalecido ao longo dos anos. Se continuarmos a comparação das figuras 3 e 8, observamos ainda que as províncias de nascimento mostram uma maior dispersão que aquelas que mostram onde realizaram seus estudos. Isso poderia ser interpretado como certas áreas vão se consolidando como locais de residência tanto para os brasileiros quanto para os peruanos.

**FIGURA 8: Onde estudou no Japão**



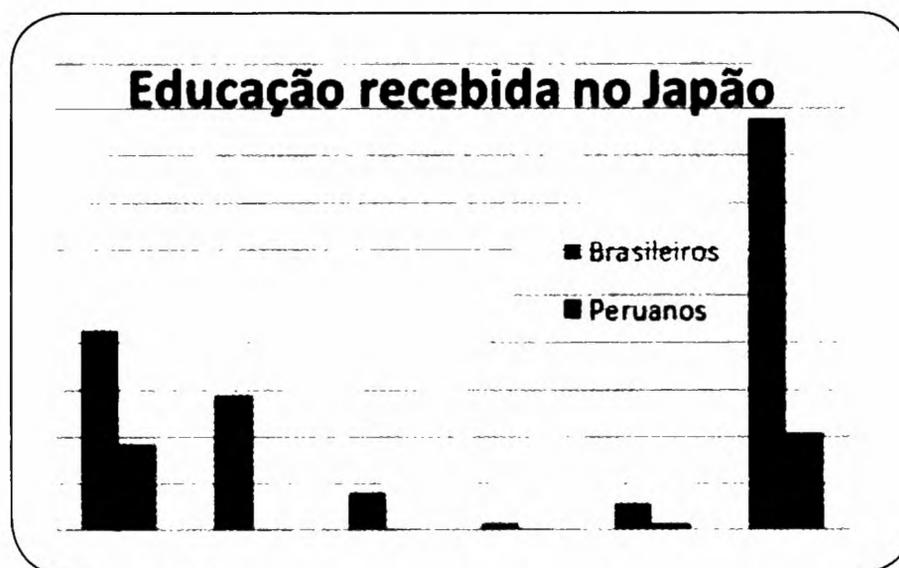
Desde que começou a migração de países sul-americanos para o Japão, os migrantes têm buscado sua posição na sociedade receptora e pode-se observar, com o passar dos anos, uma certa adaptação. Foi assim que os trabalhadores sul-

8. Existem dois cursos por correspondência peruanos. CEGECOOP LA Unión e Convenio Kyodai que possuem a certificação do Ministério da Educação peruana e mantém um Programa de Educação à distância desde 1993 e 2002, respectivamente.

-americanos foram se concentrando em locais que consideram mais adequados e confortáveis para viver no Japão. 40% das crianças encontradas estão concentradas em 4 províncias. Os brasileiros em Aichi (25%), Shizuoka (15%), Gunma (10%) e Nagano (10%), e os peruanos, em Kanagawa (25%), Tokyo (15%), Saitama (10%) e Tochigi (10%). Na figura 3 observa-se que existe a mesma tendência, é assim que enquanto os brasileiros se concentram nas escolas da região central (Chubu) e os peruanos o fazem na região de Kanto.

Após o retorno, a população brasileira e peruana continua estudando o idioma japonês em proporções bem distintas. Enquanto que 100% das crianças peruanas declararam estar dando continuidade no estudo do japonês atualmente, apenas 3% das crianças brasileiras declaram fazê-lo.

**FIGURA 9: estudo do japonês após retorno**



#### 4. Os resultados da análise qualitativa

Esta parte está baseada nas entrevistas, na maioria das quais foram feitas com crianças que regressaram recentemente do Japão, e muitas delas o haviam feito de forma repentina, sem preparos prévios, entre as quais pode-se mencionar a escassa competência no idioma materno e ansiedade alta causada pela insegurança no processo de adaptação em seu próprio país.

##### 4.1 Retorno sem preparo.

Tanto nas entrevistas realizadas no Brasil como no Peru, observou-se a falta de preparo para o retorno. Neste caso, as crianças tem sido afetadas psicologicamente pois não tiveram tempo suficiente para preparar-se emocionalmente nem reforçar o seu conhecimento da língua para enfrentar o retorno decidido unilateralmente pelos pais, que por sua vez tem sido arrastados pela conjuntura econômica global. Observa-se que o dito retorno, para 40% das crianças que nasceram no

Japão, não se caracteriza retorno propriamente dito. É a primeira vez que vem para o país de origem de seus pais, sendo, portanto, uma experiência inédita, com direito ao choque cultural.

#### **4.2 Entrando no sistema educacional de seus países.**

Segundo a pesquisa brasileira, as crianças, imediatamente depois do retorno do Japão, se encontram “perdidos” e “confusos”. Os pais matriculam seus filhos, não em escolas privadas, mas em escolas públicas, estaduais ou municipais, nas quais muitas vezes não há vagas disponíveis. Além disso, a diferença nitidamente notada começa com as instalações e a percepção de outras crianças que as frequentam. As matrículas normalmente são feitas no ano anterior, com o período oficial terminado, a disputa é por vezes, complicada, embora todas essas crianças tenham direito a escolas. Muitas vezes, a falta de documentos trazidos do Japão, complica e aumenta a ansiedade já alta.

Em relação aos peruanos, as escolas nikkeis existentes em Lima foram as que receberam as crianças retornadas do Japão. Todas elas são privadas e oferecem condições favoráveis para a aceitação de novos estudantes. Na realidade, faz mais de 20 anos que se iniciou o fenômeno (*dekassegui*) e isso causou uma drástica diminuição no número de alunos matriculados nessas escolas<sup>9</sup>, mas possuem a capacidade para acolher todas essas crianças retornadas. Para o ingresso pede-se aos alunos que passem por uma avaliação psicológica e de conhecimentos, nas quais deverão ser aprovados. Já o Colégio Cooperativo La Unión, por exemplo, requer que faça estudos de nivelção meio ano ou por um ano, quando se fará possível a reinserção escolar da criança. De acordo com as entrevistas realizadas, em um ano os alunos de todos os níveis (primário e secundário) puderam nivelar-se satisfatoriamente.

#### **4.3 Adaptação ao novo sistema educacional**

As competências linguísticas do idioma espanhol ou português é um aspecto determinante na adaptação escolar. Pode-se afirmar que para os brasileiros, mais do que para os peruanos, o idioma, tem uma importância maior na inserção. Isso se deve ao fato das escolas de Lima serem nikkeis e, portanto, podem realizar os estudos na língua japonesa. Mesmo assim, ao se comparar as competências

---

9 Por exemplo, a escola La Victoria, na década de 80 possuía por volta de mil alunos mas desde o início do movimento *dekasegi*, esse número foi se reduzindo até chegar a 120 em 2006. Em 2007 quando a escola se mudou, o número começou a aumentar e em 2010 chegou a 200 alunos matriculados. A escola La Union também possuía um quadro de mil alunos mas em 2010 reduziu para 700 alunos aproximadamente. .

linguísticas dessas crianças peruanas com os seus pares japoneses, elas não são iguais mas sim inferiores, o que impõe obstáculos no processo de aprendizagem.

As crianças sul-americanas acabam tendo uma educação insuficiente no Japão pela falta de capacidade no que se refere ao idioma japonês. O mesmo acaba acontecendo na ocasião de seu retorno ao país de origem pois a sua capacidade no idioma português também se mostra insuficiente, quadro esse nomeado por muitos de “double limited”

Comparado à pesquisa efetuada em Peru, a pesquisa brasileira levantou dois pontos peculiares. O primeiro é o fato da maioria das escolas públicas brasileiras entenderem que a educação dos retornados ou a aprendizagem do idioma português pode se dar de forma praticamente automática, apenas com a imersão, isto é, a aprendizagem mesmo que devagar, ocorreria, pelo simples fato de estarem frequentando as escolas e permanecerem nas salas de aula.

Outro ponto é a presença do aluno que não fala português na sala de aula. Às vezes ele se torna uma figura que provoca interesse e curiosidade dos demais, ao que pode reagir positiva ou negativamente e há os que mostram uma tendência de ficar isolados, alheios ao que ocorrem ao seu redor, não estabelecem (não conseguem e/ou não se interessam) relacionamentos com os outros colocando-se em posições semelhantes a dos autistas. Essa situação não oferece problemas para os professores e portanto, descritos como não tendo problemas, porém, de fato, são os que mais necessitam de apoio.

Quase a totalidade das crianças peruanas estudou em escolas públicas japonesas, enquanto que 30% das crianças brasileiras estudaram em escolas brasileiras no Japão. Assim, pressupõe-se que, pelo menos esses 30% de crianças não apresentem grandes dificuldades com a sua língua.

Devido à situação de insegurança após o retorno, muitas vezes, os pais não conseguem encontrar uma recolocação adequada no mercado de trabalho, mesmo buscando trabalhos como autônomos não conseguindo a renda esperada, muitos acabam optando por, novamente, fazer o caminho de volta para o Japão. As crianças que estavam se esforçando para se adaptarem a uma nova situação, acabam ficando mais inseguras ainda, devem passar novamente por todo um processo de migração, sem poder ter uma experiência de conhecer e se adaptar ao seu país de nacionalidade.

#### **4.4 Ruptura familiar e abandono**

Alguns traços apresentados pelas crianças retornadas dizem respeito à estrutura familiar e as consequências de vivências de separações e perdas no seio da família, mais comuns no fenômeno migratório. Já teria que elaborar perdas apenas com o processo migratório mas além disso, as crianças vivenciam separações no

seio da família. Com isso, é comum vermos em crianças retornadas, traços de ansiedade, insegurança, sensação de inadequação, retraimento, falta de confiança nos outros. A falta de inserção social também não possibilita o desenvolvimento psicológico adequado.

Observa-se que muitas dessas crianças apresentam uma autoconfiança compulsiva, aguentam firme e fazem tudo por si mesma, cuidam e não se deixam ser cuidadas, o que faz com que todos ao seu redor, afirmem que estão “muito bem”, mas, como afirma Winnicott: “... existe um anseio latente de amor e solicitude, e muita raiva latente para com os pais por não lhes terem dado amor e atenção; e, uma vez mais, muita ansiedade e culpa em torno da expressão desses desejos. Winnicott (1995) descreveu indivíduos desse tipo como tendo desenvolvido um *falso eu*” (BOWLBY, 1997: 183) e são as que são passíveis de apresentar sintomas psicossomáticos e depressão.

Em famílias de migrantes, também é comum observar separações entre pais e filhos e segundo a pesquisa de Peru, o progenitor que permanece trabalhando no Japão, só entra em contato em datas como aniversário, Natal ou quando aparece alguma necessidade (15%) existindo também aqueles que não mantem comunicação com a família que retornou e 17% responderam que não mantem contato com a pessoa que está no Japão e teve aquele que não o faz há 10 anos ou crianças que nunca viu esse progenitor.

O perigo de não ter tido condições favoráveis, na primeira infância, para o bom desenvolvimento psicológico, motor e cognitivo pode acarretar alguns sinais como: não ter uma boa coordenação motora, especialmente a fina, não ter boa noção espacial, não possuir um cabedal de conhecimentos gerais do cotidiano e vocabulário pobre. A falta de estimulação pelo fato dos pais, enquanto vivendo no Japão, ocuparem muitas horas do dia com o trabalho, sem ter tempo para se dedicar aos filhos, muitas crianças acabaram ficando muitas horas, praticamente sozinhos, todos os dias, nos apartamentos, o que dificultava também a convivência com outras crianças de mesma idade. Como consequência encontramos crianças que começam a vida escolar levemente defasada em relação a crianças japonesas e essa defasagem vai aumentando com o passar dos anos trazendo dificuldades quando em séries mais avançadas. Muitas vezes tendo que ajudar nas tarefas domésticas, tendo responsabilidade de cuidar dos irmãos pequenos, ficam com menos tempo e oportunidades de conviver com os colegas, aos poucos vai perdendo a capacidade de comunicação com os pares, estando defasado com os mesmos, inclusive na escrita onde não elaboram frases mais longas. Assim, muitas dificuldades que as crianças e adolescentes apresentam quando na ocasião do retorno, tem suas raízes na vida que levavam no Japão e talvez não tanto em relação aos sistemas educacionais do Japão ou do país de origem dos seus pais.

## **5. Análise psicológica**

### **5.1 Pesquisa brasileira**

Na pesquisa brasileira foi usada, além da entrevista, o SDQ-The Strengths and Difficulties Questionnaire a tabela de Ansiedade de Hamilton e segundo os dados obtidos, apontam crianças com inseguras, baixa autoestima, sentimento de inadequação, ansiedade alta, introversão, passividade e vulnerabilidade em apresentar sinais de TDA/H, problemas de relacionamento interpessoal e problemas emocionais.

Observa-se em muitas crianças a falta de concentração e interesse pelo que é dito ou que está acontecendo ao seu redor, mas muitas vezes a não ter compreensão suficiente do idioma leva a esses comportamentos, além do que certos padrões de comportamento e valores incorporados por terem vivido na sociedade japonesa por algum tempo, influenciam na sua adaptação quando no retorno. Por exemplo: no Japão, a comunicação se dá de forma indireta, assim não conseguir se expressar, faz com que sintam-se envergonhados ou se sintam inconvenientes perante um grupo, e a falta de condições de expressar o que se passa, culmina às vezes em comportamentos agressivos.

Como foi dito anteriormente, o estresse pode se converter em sintomas psicossomáticos. Observa-se a aparição de alergias, dores, ocorrências de acidentes, entre outros.

### **5.2 Pesquisa Peruana**

No caso de Peru, a pesquisa se sucedeu em agosto e setembro de 2009 e também incluiu um teste psicológico para as crianças retornadas. O teste denominado TAMAI (Teste múltiplo de Adaptação) tem como objetivo determinar se essas crianças se encontram adaptados ou desadaptados ao novo ambiente. O teste é composto de 105 perguntas para serem respondidas por sim ou não e foi aplicado em alunos que se encontravam na faixa etária de 8 a 18 anos. Considerando-se diversos níveis de adaptação e levando em consideração o sexo e a idade, assim como a situação familiar, determina-se a adaptação em 3 diferentes esferas: pessoal, escolar e social. Os resultados indicaram que as crianças retornadas entrevistadas não apresentaram evidências de desadaptação em nenhuma das 3 referidas esferas. Quando se considera a variável “se tem ou não irmãos”, aparece a evidência de que a adaptação na escola ocorra devido ao desenvolvimento prévio de competências comunicativas através da interação com seus irmãos. No que diz respeito ao idioma, o espanhol, apesar de não contar com um nível esperado à sua série escolar, não chega ao nível de desadaptação.

Quando se associa a adaptação com o gostar ou não da escola peruana após o retorno, observa-se que não aparecem sinais de desadaptação nem no âmbito social nem no escolar, mas no pessoal. As crianças migrantes se veem afetadas por uma série de fatores que são próprios do movimento migratório, o que para eles representam mudanças drásticas. Por elas serem acometidas por esse tipo de processos, deveriam poder contar não apenas com uma sociedade receptiva que ofereça acolhimento, mas também, contar com um apoio psicológico ao ingressar numa nova sociedade, mesmo que ela seja a de origem de seus pais.

Deveria haver a implementação de medidas condizentes a reforçar uma educação de compreensão cultural mútua, onde seja possível a coexistência de membros de diferentes culturas. Essas medidas não deveriam ser apenas para a inclusão entre os companheiros da classe mas em todo o aparato escolar, professores, diretores, família, pais entre outros. Assim, deve-se difundir e explicar a riqueza de uma educação multicultural para o crescimento humano pleno, não apenas voltada para os migrantes mas também a todos que pertencem à sociedade receptora.

## **6. Considerações finais**

O primeiro ponto a ser considerado em ambas as pesquisas é o fato do retorno não ser propriamente um “retorno” e sim “imigração”, já que para muitas crianças, nascidas no Japão, é a primeira vez que vivencia o país de origem dos pais e, conseqüentemente, o choque cultural. A desagregação familiar, as separações, seja pelo fato de um dos progenitores permanecer no Japão trabalhando, seja por separação de casal, de qualquer forma, as crianças precisam elaborar mais essas perdas, além do rompimento com o “mundo” que tinha ao seu redor (casa, escola, colegas, entre outros).

O que mais chamou a atenção nessas duas pesquisas foi a questão das escolas. A existência de uma escola dentro da comunidade nikkei, como no caso de Peru, propicia às crianças retornadas, a inserção escolar e conseqüentemente social, inclusive possibilitando as crianças a manterem o aprendizado da língua japonesa na própria escola. No Brasil, as crianças retornam para as escolas públicas, o contato com o idioma japonês fica cada vez mais escasso e apresentando uma série de dificuldades, a inserção social não se dá de forma muito tranquila.

Os problemas que as crianças sul-americanas enfrentam durante a sua estada no Japão e depois ao regressar a seus países de origem não são questões referentes apenas à educação de ambos os países, mas estão profundamente interligadas com os problemas familiares. Tanto nas crianças brasileiras quanto nas peruanas a falta de preparo para o retorno, desde o ponto de vista econômico até o psicológico, rupturas familiares, abandonos de crianças são fatores comuns que puderam ser observados nessas pesquisas e se mostraram ser de fundamental importância.

## Referências Bibliográficas

- CIATE (Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior). **Anais do Simpósio 15 anos do Movimento Dekassegui: Desafios e Perspectivas** São Paulo. (é um anais de simpósio, portanto muitos autores), 2002.
- BOWLBY, John. **Cuidados maternos e saúde mental**. São Paulo: Martins Fontes, 2 ed., 1995.
- CENTRO DE ESTUDOS NIPO-BRASILEIROS. **Pesquisa Da População de Descendentes de Japoneses Residentes no Brasil 1987-1988**. São Paulo, 1990.
- KAWAMURA, Lili Katsuco. **Para onde vão os brasileiros?** Campinas: Ed da UNICAMP, 1999.
- LINGER, Daniel T. **No one home: Brazilian selves remade in Japan**. California: Stanford University Press, 2001.
- MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Brasileiros no Mundo**. 2009.
- MINISTÉRIO DA JUSTIÇA JAPONESA (Houmushô, nyûkan) **Zainiti gaikokujin toukei**. Relatórios anuais de 1996 a 2012.
- MORI, Edson. “The Japanese-Brazilian Dekasegi Phenomenon, an economic perspective” In: Lane Ryo Hirabayashi, et al. (eds.). **New Worlds, New Lives, Globalization and People of Japanese Descent in the Americas and from Latin America in Japan**, Stanford University Press, 235-248, 2002.
- MORIMOTO, Amelia. **Población de Origen Japonés en el Perú, perfil actual**. Lima: Centro Cultural Peruano Japonés, 1991.
- NAKAGAWA, Kyoko Y. **Projeto Kaeru: Programa de Inclusão dos Filhos de Trabalhadores Brasileiros no Japão as Escolas Públicas do Estado de São Paulo**. São Paulo: Nippak Graphics Editora, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Crianças e adolescentes brasileiros no Japão: Províncias de Aichi e Shizuoka**. Tese de doutorado. Serviço Social – PUC-SP, 2005.
- \_\_\_\_\_. Crianças e adolescentes envolvidos no movimento de kassegui. In: HARADA, Kiyoshi (org). **O Nikkei no Brasil**. Atlas. S.A., 2008.
- \_\_\_\_\_. Crianças e adolescentes envolvidos no movimento de kassegui. In: **Anais do Simpósio Internacional sobre Dekassegui: Rumos do Movimento de kassegui – conhecendo novas dimensões**. Londrina, CD-ROM, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Burajiruni kaetta kodomotatino sonogo**. Relatório Anual de Atividades. Universidade de Línguas Estrangeiras de Tokyo, 2007.
- SAKUMA, Kousei. **Estudiantes Extranjeros y Deserción Escolar, Educación en un Contexto Cultural Diferente**. Keisoushobou, 2006.
- SHIMIZU, Koukichi. **Los New Comers en la Escuela Secundaria Superior, Apoyo Educativo en la Secundaria Superior en Osaka**. Akashi Shoten, 2008.
- SUEYOSHI, Ana y Laura Yagui. Grado de Adaptación/Inadaptación de los Niños Peruanos luego de su Retorno de Japón, Los retos de un nuevo ambiente educativo y de un hogar fracturado entre dos países. In: **Journal of the Faculty of International Studies**. Utsunomiya University, v. 31, p. 99-116, 2010.

SUEYOSHI, Ana. (2010) *Nihon kara Perû he Kikoku shita Kodomotachi no Kyouiku Seikatsu Jyoukyou*, Matsuo Tamaki (org.). In: **El Porvenir Educativo de los Niños Extranjeros en la Prefectura de Tochigi**, Proyecto Especial de la Universidad de Utsunomiya, **Reporte Final 2009**, 50-72.

\_\_\_\_\_. “*Nihon kara Perû he Kikoku shita Kodomotachi no Kyouiku Seikatsu Jyoukyou*,” Matsuo Tamaki (org.). In: **El Porvenir Educativo de los Niños Extranjeros en la Prefectura de Tochigi**, Proyecto Especial de la Universidad de Utsunomiya, v. 2, Reporte 79-98, 2008.

\_\_\_\_\_. *Trabajadores Latinoamericanos en Japón y sus Patrones Migratorios*, Matsuo Tamaki (Representante de Proyecto) In: **El Porvenir Educativo de los Niños Extranjeros en la Prefectura de Tochigi**, Proyecto Especial de la Universidad de Utsunomiya, 152-163, 2008.

TAMASHIRO, Satomi (ed.). **Realidades de un Sueño**. Lima: Convenio de Cooperación – Kyodai, 2000.

TSUDA, Takeyuki. The motivation to Migrate: The Ethnic and Sociocultural Constitution of the Japanese-Brazilian Return-Migration System. In: **Economic Development and Cultural Change** 48:1, October 1-31, 1999.

WHITE, Merry. **O desafio educacional japonês**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

WINNICOTT, Donald W. **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

YANAGIDA, Kunio (ed.). **Los Nikkei Limeños, Un Análisis de la Sociedad Nikkei desde Diferentes Angulos**. Akashi Shoten, 1997.